

A Jornada do herói e os ciclos astrológicos: uma aproximação possível

Ana Maria Mendez González

Mestre em Literatura Portuguesa pela USP

Resumo:

Abordagens interdisciplinares possibilitam a aproximação de linguagens variadas e também análises que mesclam diferentes áreas da cultura. Assim, partimos do conceito da jornada do herói de Joseph Campbell, que de forma cíclica, indica um caminho de aprendizagem e transformação do ser humano. Daí, vamos à área dos símbolos astrológicos e observamos as semelhanças que existem no conceito de ciclos temporais com o da jornada do herói. Mais do que simples semelhanças, encontramos nessa aproximação uma contribuição para a compreensão deste mundo e da vida humana. A mesma grandeza pode ser percebida nas duas abordagens elevam a vida, fecundam-na de símbolos e de significados.

Palavras-chave: interdisciplinaridade, jornada do herói, ciclos, símbolo e mito

No mundo contemporâneo, as linguagens se misturam e constroem um novo conceito de cultura que é agora interdisciplinar. É por essa perspectiva que alguns estudiosos de astrologia observam a teoria de Joseph Campbell: pela possibilidade de diálogo entre áreas. Assim, as relações entre o conceito da jornada do herói e do ciclo temporal no contexto astrológico formam a base de sustentação deste estudo. Embora esta abordagem não seja nova, ainda não foi elaborada do ponto de vista da teoria do imaginário, aspecto que me interessa de forma particular.

1. A jornada do herói

Este importante conceito na obra de Joseph Campbell está descrito no livro *O herói de mil faces*. O herói seria alguém que “conseguiu vencer suas limitações históricas, pessoais e locais e alcançou formas normalmente válidas, humanas.” (2007, p.28)

Tal idéia mostra-se importante no mundo contemporâneo. Não se pode mais duvidar da decadência do mundo contemporâneo que foi apontada pelo mesmo Campbell já no livro citado que saiu pela primeira vez em 1949. Porém, ainda segundo ele, o herói seria aquele através do qual a sociedade pode renascer. O herói, esse homem exemplar, seria aquele que poderia trazer alguma nova idéia ou ação capaz de elevar a qualidade de vida e de percepção do mundo para todos, identificando-se não com uma comunidade específica, mas com a humanidade eterna e universal. Tendo empreendido uma viagem especialmente caracterizada, ele teria forjado em si essa capacidade maior, porque os heróis “falam com eloquência, não da sociedade e da psique atuais, em estado de desintegração, mas da fonte inesgotável por intermédio da qual a sociedade renasce.” (Campbell, 2007, p. 28).

Tal jornada se constituiria por algumas fases que se repetem com variações nas muitas sociedades estudadas por Campbell. De acordo com um percurso padrão, o herói se depararia com três etapas básicas. Na primeira, haveria uma separação do seu lugar de origem. O indivíduo se lançaria ao desconhecido e se colocaria á mercê de situações-limite tais como provas, desafios e perigos inomináveis. Tais situações serão responsáveis por uma iniciação, uma transformação formidável do herói. A partir daí, o indivíduo promoveria o retorno ao lugar de origem com um presente para seus pares, um benefício para a comunidade. Na verdade, parafraseando o autor, o herói passaria por dificuldades para sair das “regiões causais da psique” e chegaria no “domínio das imagens arquetípicas”, alcançando o “conhecimento dessa unidade” (Campbell, 2007, p. 27). Ele estaria, então, fora da dualidade causa e efeito e seria portador de um presente especial para

seus pares, a vivência da unidade. A aquisição desse conhecimento permitiria ao ser humano uma perspectiva menos instável da vida.

Uma circularidade se expressa quando o herói volta à origem, transformado. Um ciclo se desenvolve e um determinado crescimento humano acontece. Além disso, esse trabalho pessoal com a intenção de uma melhoria coletiva mostra-se essencial para que se possa ultrapassar a materialidade da concepção de vida urbana, contemporânea, faltosa de valores e esquecida daquilo que justifica a existência humana.

Esta concepção da jornada do herói, assim apresentada com elementos formadores de um ser humano consistente e capaz de uma ação de âmbito universal é inspiradora de abordagens astrológicas.

2. Os heróis e o percurso do tempo na astrologia

A jornada do herói, acima descrita de forma elementar, pode ser aplicada na perspectiva astrológica. Jornadas são também cantadas popularmente em prosa e verso. São caminhos que percorremos na vida. Estradas a serem trilhadas. Uma viagem que tem um fim certo. Um ponto de partida e uma chegada, um destino inexorável. Uma trajetória no tempo de vida.

A compreensão dos ciclos temporais é relevante no saber astrológico, a respeito do qual cabe aqui fazer uma ressalva. A astrologia não será entendida como uma técnica previsiva – maneira pela qual ela é popularmente conhecida – mas como uma das manifestações culturais humanas, tais como as religiões, filosofias, artes, formas sociais do homem primitivo e histórico, ciência e tecnologia, manifestações que “surgem do ciclo básico e mágico do mito” (CAMPBELL, 2007, p.15). Ela também faz parte do grupo de criações culturais do ser humano, que é um ser histórico.

A astrologia nos oferece desde suas raízes uma interpretação da relação do ser humano com a natureza, expressando assim uma concepção da vida. Desde então ela lida com a matéria prima da vida, o tempo. O homem primitivo quando olhou para o céu, viu uma sequência temporal. O tempo apareceu então na percepção daquele ser primitivo. Desde então, o homem sempre se deparou com a observação do movimento da lua, do sol e dos planetas. A percepção inicial pôde ser ampliada: a natureza humana se expressa em ciclos temporais. Essa aliança com a astronomia sempre esteve presente na astrologia, resguardada ao longo dos séculos.

Na verdade, há mais do que um simples percurso temporal. Alexander Ruperti, estudioso da abordagem humanística da astrologia, nos diz que “A astronomia nos fornece os dados e a astrologia interpreta-os com referência aos processos de vida na Terra e, particularmente, dentro do indivíduo.”(1986, p.19) Ou seja, tais ciclos observáveis astronomicamente são passíveis de representação simbólica e astrológica. Basta que o indivíduo utilize de sua capacidade representativa para entrar em contato com seus percursos temporais significativos.

O ciclo, que segundo ele é “uma estrutura-forma de tempo” (Ruperti, 1986, p.17) pode ser geral, quando se refere a todos os indivíduos em certas épocas de vida, e também pessoal, medido a partir de mapas individuais.

Essa representação dos ciclos temporais possibilitou o estabelecimento de relações da astrologia com a teoria de Campbell, com os conceitos de arquétipo de Jung e com os mitos. Alguns astrólogos desenvolveram suas reflexões utilizando esses conceitos.

Erin Sullivan, professora e astróloga, desenvolve uma abordagem bastante estruturada, elegendo os trânsitos de Saturno como elemento primordial para a relação que estabelece com a jornada do herói. Justifica a escolha desse planeta por ele significar os limites entre o pessoal e o social, o dentro e o fora, entre cultura e natureza pessoal. Ela justifica sua escolha por ser ele “o planeta que nos liga à encarnação, que representa o guardião do portal entre o mundo das formas e o âmbito do imaginário”. (1994, p.19) Saturno seria a interface entre o óbvio e o oculto. Entre os oito planetas (Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno, Plutão) e os dois luminares (Sol e Lua) ele seria o que nos oferece o limite de nossa humanidade. Ele força o ego ao confronto com o desenvolvimento, possibilita que se efetue o processo civilizador da consciência. Erin Sullivan sabia, com certeza, que Campbell identifica (2007, p.230) o herói como o senhor dos dois mundos, o que tem “a liberdade de ir e vir pela linha que divide os mundos.”

Cumprir apresentar neste ponto algumas considerações a respeito da teoria astrológica, para que se possa compreender como tal relação se torna possível. A astrologia apresenta o zodíaco formado pela roda dos signos, que significam genericamente qualidades humanas. Os quadrantes, formados pelas casas, definem aspectos da experiência humana no mapa pessoal. Os planetas, por sua vez, caminham pelos quadrantes – e pelos signos – de acordo com seu passo astronômico físico.

A astróloga utiliza o trânsito de Saturno por esses quadrantes para explicar a jornada do herói. Assim o indivíduo, quando tivesse tal planeta em determinado ponto de seu mapa natal,

viveria a experiência do chamado á aventura, que é o ponto de partida da jornada do herói segundo Campbell.

Tal quadrante seria o do Meio do Céu, escolhido por ser aquele “onde a pessoa oferece suas habilidades combinadas á sociedade, refinando-as ao grau máximo. A combinação de autoconsciência e de envolvimento ativo com o mundo e a sociedade constituem o estágio inicial do chamado á aventura.” (1994, p.212). No Meio do Céu, o indivíduo viveria a vocação, de caráter intensamente pessoal e não o que a família ou as instituições sociais designaram para ele. Daí, o paralelo que se pode fazer em relação ao chamado à aventura de Campbell, que também inclui um movimento particular e intencional.

Daí em diante, a estudiosa vai relacionando a passagem de Saturno pelos quadrantes estabelecendo relações com as fases da jornada do herói. A pessoa, segundo essa interpretação, teria a oportunidade de experimentar todas as fases da jornada do herói: a descida para o desconhecido, o contato com os requisitos primários para a sobrevivência; as ações são primárias e instintivas. Depois, a preparação inconsciente para a relação com o mundo exterior e o desenvolvimento de outras habilidades para a sua relação com os outros, da expiação inicial à recuperação do tesouro perdido. As habilidades sociais e pessoais do indivíduo seriam desenvolvidas e levadas adiante como dádivas. E haveria enfim, o encontro com os outros de maneira significativa e a observação de sua utilidade para a sociedade.

A autora expõe casos práticos dessa leitura simbólica e mítica, procurando enfatizar a relevância da experiência de crescimento do indivíduo.

Liz Greene, diretora do Centro de Astrologia Psicológica em Londres, de maneira talvez um pouco menos organizada, também se utiliza dos conceitos de mito e da jornada de Campbell em seu trabalho. Para ela, “os mitos são um auto-retrato criativo e imaginativo da psique descrevendo sua própria evolução – seu próprio destino.” (1989, p.153). Ela transita entre os campos da imaginação, dos arquétipos e dos mitos, identificando a teoria da jornada de Campbell como “um mapa do desenvolvimento da cultura e da viagem psíquica da pessoa pela vida” (1989, p. 157).

Da teoria astrológica, escolhe o conceito de signo para expressar sua compreensão. Ela julga que o signo é mais do que uma simples lista de qualidades de comportamento. Mais do que essa interpretação popularmente conhecida, cada signo seria um *mythos* (1989, p.156), um esquema ou plano retratado numa história, um padrão arquetípico, habitado por um ou vários

personagens míticos. Cada signo conteria um herói, uma possibilidade de jornada dentro de uma história particular.

Mas, faz algumas ressalvas interessantes em suas reflexões sobre essa aproximação entre os conceitos de mito e de astrologia. Segundo ela, “o mito não é um sistema estruturado e ordenado de símbolos como a astrologia” (1989, p.158/9). São dinâmicos e fluidos e, portanto, alguns mitos podem se aproximar mais de alguns signos do que com outros. Não há um enquadramento único possível, e “alguns mitos são tão universais que se aplicam a todos /signos/: um deles é a saga do herói.” (1989, p.159). Assim, na sequência de signos, e em cada um deles, se aplicaria essa representação simbólica e mítica.

Seja na abordagem de Liz Greene, com a possibilidade de uma ou múltiplas histórias míticas, seja na de Erin Sullivan, com o acompanhamento do trânsito de Saturno, faz-se a incorporação imaginativa do mundo dos arquétipos, dos mitos e da jornada do herói. O saber astrológico abre-se para interpretações inspiradoras de uma percepção da vida humana plena de significados.

Mas ainda cabem outras observações a esse respeito.

3. Leituras, limites do imponderável

O conceito de jornada do herói e o saber astrológico são manifestações culturais e simbólicas. São frutos do caldeirão mítico. Justifica-se tal aproximação porque podem contribuir para a compreensão deste mundo, para o entendimento da vida humana. A mesma grandeza pode ser percebida nas duas abordagens. Elevam a vida, fecundam-na de símbolos e de significados.

Campbell apresenta o ser humano passando de um padrão local para o universal, de um padrão temporal para outro atemporal. Ele identifica essa trajetória e constroi passo a passo uma sequência que é transformadora. Enquanto o ser humano passa pelas fases dessa jornada, ele se transforma a cada nova paisagem de sua experiência, ele se caracterizaria como um ser heroico. Liz Greene também percorre os terrenos do mito e abarca a concepção de Campbell, dando-lhe definições dentro do espaço astrológico. Erin Sullivan corrobora nessa linha de observação, dando contornos bem definidos para a aplicação de uma teoria na outra.

Tais teorias são leituras em que o ser humano tem desvendadas novas possibilidades para a compreensão de sua vida, a mesma vida que, de repente, é outra, é mais ampla, é mais. Há

incorporação de significados na teoria de Campbell, há incorporação também na leitura astrológica que pode se aproveitar dessa metáfora inspiradora. Faz-se nas duas linguagens o enriquecimento de um mundo empobrecido de significados, apesar de tantos signos o habitarem. Permitem o resgate do que se perdeu ao longo do tempo pelo caminho da civilização. Campbell diz “Ele [o homem] e/ou o mundo em que se encontra sofrem de uma deficiência simbólica.”(p. 41).

Nunca se viu tanta abundância de signos (e imagens) como na civilização contemporânea. Mas, não há garantias de que eles sejam vividos para inspirar a experiência humana. Há que se encantar o homem e o mundo em que ele vive com possibilidades de leitura e de significação. As leituras não são absolutas, elas dependem da capacidade de significar. Diz o poeta Manoel de Oliveira: “O olho vê, a memória revê, e a imaginação transvê. É preciso transver o mundo.” Para além de todas as realidades se encontra o mundo do simbólico. O poeta sabe que há necessidade de se ir em direção ao imaginário.

Há que se descobrir um herói numa jornada mágica, há que se alinhar ao passo de Saturno ultrapassando o limite do óbvio para o oculto, quem sabe, também descobrir as histórias míticas de cada signo. Todas essas leituras nos exigem a imaginação criativa, o vôo no abstrato, atravessar a ponte entre o visível e o invisível. Entrar por uma janela na direção da vocação de nossa alma.

Aí se encontra a intersecção em que podemos ultrapassar a realidade concreta. Nesse nível intermediário de percepção e de imaginação encontramos a capacidade de interpretar além das aparências do sensível em direção aos significados simbólicos. É, portanto com a experiência do imaginário que essa inspiração pode acontecer. Nesse momento, a comunicação com a alma também poderá ocorrer.

E se o imaginário não entreabrir o espaço privilegiado de significados nos indivíduos, para promover o encantamento, o encontro com a alma, nada terá acontecido. E o simbólico inexistirá e o estéril do mundo continuará a ocupar o espaço em que tem se expandido.

O simbólico fecunda a jornada do herói e a leitura do ciclo astrológico. Cumpre desejar que essa fertilização seja cada vez mais o caminho. Que o diálogo com a alma seja o caminho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPBELL, Joseph - **O herói de mil faces**. SP: Cultrix/Pensamento, 2007.

DURAND, Gilbert. **O imaginário** – ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. RJ: Difel, 1998.

GREENE, Liz - **A Astrologia do destino**. SP: Cultrix/Pensamento, 1989.

SULLIVAN, Erin – **Saturno em trânsito**. 2ª. ed.SP: Edit Siciliano, 1994.

RUPERTI, Alexander- **Ciclos de evolução**. Modelos planetários de desenvolvimento. SP: Pensamento, 1986.